

JAMES JOYCE ULISSES



http://br.groups.yahoo.com/group/digital_source/

James Joyce

Tradução de
António Houaiss

2ª edição

Difel - Difusão Editorial
By civilização brasileira S. A.
e António Houaiss

1983

Impresso em Portugal

Segunda edição

Depósito legal: 3140/83

Nota do Editor:

Nesta edição de *Ulisses* de James Joyce utilizou-se a tradução brasileira de António Houaiss por ser considerada internacionalmente a mais perfeita e aquela que mais fielmente se aproxima do grande romancista irlandês. Na presente tradução apenas se procedeu à actualização ortográfica.

I

Sobranceiro, fornido, Buck Mulligan vinha do alto da escada, com um vaso de barbear, sobre o qual se cruzavam um espelho e uma navalha. Seu roupão amarelo, desatado, se enfunava por trás à doce brisa da manhã.

Elevou o vaso e entoou:

- *Introibo ad altare Dei.*

Parando, perscrutou a escura escada espiral e chamou asperamente:

- Suba, Kinch. Suba, jesuíta execrável.

Proseguiu solenemente e galgou a plataforma de tiro. Encarando-os, abençoou grave três vezes a torre, o campo circunjacente e as montanhas no despertar. Então, percebendo Stephen Dedalus, inclinou-se para ele, traçando no ar rápidas cruces, com gorgulhos guturais e meneios de cabeça. Stephen Dedalus, enfarado e sonolento, apoiava os braços sobre o topo do corrimão e olhava friamente a meneante cara gorgulhante que o bendizia, equina de comprimento. e a cabeleira clara não tosada, estriada e matizada como carvalho pálido.

Buck Mulligan mirou-se um instante sob o espelho e em seguida recobriu o vaso com vivacidade:

- Ao quartel! - disse peremptório.

Acrescentou, em tom predicante:

- Porque isto, ó bem-amados, é a autêntica Christina: corpo e alma, e sangue e chagas. Música lenta, por favor. Fechar os olhos, cavalheiros. Um instante. Uma pequena complicação com estes corpúsculos brancos. Silêncio, minha gente!

Escrutando de esguelha as alturas, emitiu um longo assobio grave de chamamento, deteve-se depois por instantes numa atenção extática, os brancos dentes iguais brilhando aqui e ali em pontos de ouro. Chrysostomos. Dois fortes silvos estrídulos responderam através da calma.

- Obrigado, meu velho - gritou animoso. - A coisa vai. Corte a corrente, sim?

Pulou da plataforma de tiro e olhou sério para o seu observador, arrepanhando pelas pernas as bandas soltas do roupão. A fornida cara sombreada e a soturna queixada oval lembravam um prelado, protector das artes, da Idade Média. Um sorriso divertido abrochou-lhe calmo os lábios.

- A pilhéria que há nisso - disse - jovial. - Esse seu nome absurdo, em grego antigo.

Apontou-o com o dedo em gesto amigo, e retomou ao parapeito, rindo de si para si. Stephen Dedalus galgou os degraus, seguiu-o a meio caminho com fastio e sentou-se no bordo, do parapeito, olhando-o impassível, que apoiava o espelho no parapeito, mergulhava o pincel no vaso e ensaboava bochechas e pescoço.

A voz jovial de Buck Mulligan prosseguia:

- Meu nome é absurdo também: Malachi Mulligan, dois dácilios. Mas soa helénico, não soa? Ágil e ensolarado como um cabrito mesmo. Precisamos ir a Atenas. Você virá, se consigo arrancar da tia umas vinte librazinhas?

Pôs de lado o pincel e, rindo com deleite, gritou:

- Virá ele, esse mirrado jesuíta?

Descontinuando, começou a barbear-se com cuidado.

- Diga-me, Mulligan - disse Stephen com calma.

- Sim, querido?

- Quanto tempo Haines vai ficar nesta torre?

Buck Mulligan exibiu uma bochecha barbeada só ombro direito.

- Por Deus, não é abominável? - disse com franqueza. - Que saxão pesado. Pensa que você não é um cavalheiro. Por Deus, esses malditos ingleses. Arrebatando de dinheiro e de indigestão. Porque vem de Oxford. Você sabe, Dedalus, você tem a verdadeira marca de Oxford. Ele não pode entendê-lo. Oh, para você reservo o melhor nome: Kinch, a lâmina gume.

Barbeava-se com minúcia o queixo.

- Ele passou a noite delirando com uma pantera negra - disse Stephen. - Onde está o estojo de fuzil dele?

- É um lunático infeliz - disse Mulligan. - Você estava aterrorizado, não?

- Estava - disse Stephen com energia e medo. - Nesta escuridão, com um sujeito que não conheço, delirando e lamuriando-se, a querer abater uma pantera negra. Você já salvou gente de afogamento. Mas eu não sou herói. Se ele fica aqui, dou o fora.

Buck Mulligan franziu o sobrolho à espuma da navalha. Saltou do seu poleiro e começou a buscar sôfrego nos bolsos das calças.

- Que porra - disse rudemente.

Retomou à plataforma de tiro e, metendo a mão no bolso superior de Stephen, disse:

- Que se nos conceda este trapo de focinho para limpar minha navalha.

Stephen suportou que ele retirasse e exibisse segurando-o por um canto um lenço sujo amarrotado. Buck Mulligan limpou, a lâmina com minúcia. Depois, fitando o lenço, disse.

- O trapo de focinho do bardo. Uma nova cor artística para nossos poetas irlandeses: verdemuco. Você quase que pode degustá-lo, não pode?

Subiu ao parapeito de novo e mirou para a baía de Dublin, os louros cabelos carvalho-pálido agitando-se de leve.

- Por Deus - disse sereno. - Não está o mar tal como Algy lhe chama: a doce mãe gris? O mar verdemuco. O mar escrotoconstritor. *Epi oinopa ponton*. Ah, Dedalus, os Gregos! Preciso ensinar-lhe. Você deve lê-los no original. *Thalatta! Thalatta!* É a nossa grande doce mãe. Venha e veja.

Stephen subiu e aproximou-se do parapeito. Apoiando-se neste olhava para as águas e para o barco-correio surgindo na boca da angra de Kingstown.

- Nossa poderosa mãe - disse Buck Mulligan.

Volveu abruptamente seus grandes olhos inquiridores do mar para o rosto de Stephen.

- Minha tia crê que você matou sua mãe - disse. - Eis a razão por que ela não quer que eu me dê com você.

- Alguém a matou - disse Stephen lúgubre.

- Você podia ter-se ajoelhado, que diabo, Kinch, quando sua mãe lhe pediu isso moribunda - Buck Mulligan dizia. - Sou tão hiperbóreo quanto você. Mas imaginar sua mãe suplicando-lhe no seu último alento que você se ajoelhasse e rezasse por ela. E você recusar. Há alguma coisa de sinistro em você...

Descontinuou e ensabou de leve de novo a outra bochecha. Um sorriso tolerante aflorava-lhe os lábios.

- Mas é um mimo delicioso - murmurou de si para si. - Kinch, o mais delicioso de todos os mimos.

Barbeava-se por inteiro e com cuidado, em silêncio, sério.

Stephen, um cotovelo apoiado no granito rugoso, opunha a palma da mão contra a frente e contemplava a borda puída da manga preta brilhosa do paletó. Uma dor, essa não era ainda a dor do amor, roía-lhe o coração. Silenciosamente, em um sonho ela lhe aparecera depois da morte, seu corpo. gasto dentro de largas pardas vestes funéreas exalando um odor de cera e de pau-rosa, seu hálito, pendente sobre ele, mudo, repreensivo, um esmaecido odor de cinzas molhadas. Através da borda esgarçada do punho, via o mar louvado como a grande doce mãe pela voz bem nutrida a seu lado. O anel da baía e horizonte cinturava uma fosca massa verde de líquido. Um vaso de porcelana branca ficara ao lado do seu leito de morte com a verde bile viscosa que ela devolvera do fígado putrefeito nos seus bulhentos acessos estertorados de vômito.

Buck Mulligan limpava de novo a lâmina.

- Ah, pobre carcaça de cão - disse em tom carinhoso. - Preciso dar-lhe uma camisa e uns trapos de focinho. Como vão as bragas de segunda mão?

- Entram razoavelmente bem - respondeu Stephen.

Buck Mulligan atacava a covinha debaixo do sotolábio.

- A pilhéria que há nisso - disse ele alegre - é que elas deviam ser de segunda perna. Deus é quem sabe que cambaio sarnento as usou. Tenho um par encantador listrado-cinza. Você ficará soberbo nelas. Não estou brincando, Kinch. Você fica danadamente bem, quando se veste direito.

- Obrigado - disse Stephen. - Mas não posso usá-las se são cinza.

- Não pode usá-las - Buck Mulligan dirigia-se à própria cara no espelho. - Praxe é praxe. Mata a mãe mas não pode usar calças cinzentas.

Dobrou com esmero a navalha e com golpes de ponta de dedo massajou a pele macia.

Stephen virava sua contemplação do mar para a face fornida de móveis olhos azul-esfumaçados.

- O sujeito com quem estive ontem à noite no Ship - disse Buck Mulligan - diz que você tem p. g. d. Está em Dottyville com Conolly Norman. Paralisia geral da demência.

Deslizou o espelho em meio círculo no ar para faiscar nas ondas longes ao revérbero solar agora irradiante sobre o mar. Seus curvos lábios escanhoados riam e as pontas de seus brancos dentes resplandecentes. O riso tomou-lhe o forte tronco compacto.

- Contemple-se - disse, - seu bardo execrável.

Stephen recurvou-se para a frente e afundou os olhos no espelho sustido ante ele, fendido numa rachadura curva, cabelo em pé. Como ele e os outros me vêem. Quem escolheu esta cara para mim? Esta canicarcaça a sacudir sanguessugas. Ele me pede a mim também.

- Surripiei-o do quarto da virago - Buck Mulligan dizia. - Bem feito para ela. A tia reserva sempre criadas chochas para o Malachi. Para não induzi-lo à tentação. E se chama Úrsula.

Rindo de novo, retirou o espelho aos olhos perscrutantes de Stephen.

- A fúria de Caliban por não ver a própria imagem ao espelho - disse. - Se ao menos Wilde estivesse vivo para vê-lo.

Recuando e apontando, Stephen disse com amargura:

- É um símbolo da arte irlandesa. O espelho rachado de uma criada.

De supetão Buck Mulligan enlaçou seu braço ao de Stephen, pondo-o a andar com ele ao redor da torre, navalha e espelho chocalhando no bolso em que os enfiara.

- Não é justo gozá-lo desta maneira, não é, Kinch? - disse, com carinho. - Deus é que sabe que você tem mais espírito do que qualquer um deles.

Parados de novo. Ele teme o escalpelo de minha arte como eu o da dele. A fria pena de aço.

- Espelho rachado de uma criada. Diga isso á vaca do sujeito lá em baixo e arranque dele um guinéu. Está fedendo a dinheiro e acredita que você não é um cavalheiro. O velho dele encheu a burra vendendo jalapa aos Zulus, ou com alguma negociata danada ou coisa que o valha. Por Deus, Kinch, se ao menos você e eu pudéssemos trabalhar juntos talvez fizéssemos alguma coisa pela ilha. Helenizá-la.

O braço de Cranly. Seu braço.

- E pensar que você tem de pedir a esses porcos. Eu sou o único que sabe o que você vale. Por que é que você não confia mais em mim? Que é que você fareja contra mim? É por causa de Haines? Se ele fizer mais algum barulho aqui, desço com o Seymour e lhe passaremos um pito pior do que o que se passou em Clive Kempthorpe.

Gritos juvenis de vozes endinheiradas nos aposentos de Clive Kempthorpe. Caras pálidas: sustentam-se as costelas no rir, cutucando-se uns aos outros, oh, vou morrer! Leve-lhe a notícia a ela com doçura, Aubrey! Vou morrer! Com as fraldas em retalhos de sua camisa batendo ao ar, saltita e cambaleia ao redor da mesa, as calças aos pés, perseguido por Ades do Magdalen com as tesouras de alfaiate. Uma cara de vitelo espavorido dourada de geléia. Não quero que me tirem as, calças! Não brinquem de cabra-cega comigo!

Gritos da janela aberta assustando a tarde no pátio. Um jardineiro surdo, de avental, mascarado da cara de Matthew Arnold, empurra sua segadora sobre a relva sombria olhando de perto os segmentos dançarinos dos herbicaules.

Para nós mesmos... neopaganismo... ônfalo.

- Deixe-o ficar - disse Stephen. - Não há nada contra ele a não ser de noite.

- Então o que é que há? - perguntou com impaciência Buck Mulligan. - Cuspa fora. Sou bastante franco com você. Que é que você tem contra mim?

Pararam, olhando em direcção do cabo rombudo de Bray Head, que jazia na água como o rosto de uma baleia adormecida. Stephen despreendeu o braço suavemente.

- Quer que eu diga? - perguntou.

- Sim quero, o que é que há? - respondeu Buck Mulligan. - Não me lembro de nada.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

